

Códigos das Habilidades	Objetos do conhecimento
EM13LP03	Relacionar textos e discursos na leitura/escuta/apreciação de um texto. Reconhecer nos textos relações dialógicas por meio da intertextualidade e da interdiscursividade. Identificar nos textos diferentes posicionamentos e perspectivas.”
EM13LP51	Repertório artístico-literário contemporâneo.

Nome da Escola: _____

Nome do Professor: _____

Nome do Estudante: _____

Período: () vespertino () matutino () Integral Turma: 2º anos A, B, C e D.

Olá estudantes, neste presente material nós vamos relacionar discursos na leitura/escuta/apreciação de um texto, reconhecendo as relações dialógicas por meio da intertextualidade e da interdiscursividade e identificar diferentes posicionamentos e perspectivas. Mas isso tudo nós vamos desenvolver juntos, agora você vai ler e analisar textos de diversos gêneros. Que tal iniciarmos com uma bela crônica?

SEMANA 01 - CRÔNICA: COMUNICAÇÃO - LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO**Texto 1: Comunicação**

É importante saber o nome das coisas. Ou, pelo menos, saber comunicar o que você quer. Imagine-se entrando numa loja para comprar um... um... como é mesmo o nome?



“Posso ajudá-lo, cavalheiro?”

“Pode. Eu quero um daqueles, daqueles...”

“Pois não?”

“Um... como é mesmo o nome?”

“Sim?” “Pomba! Um... um...

Que cabeça a minha. A palavra me escapou por completo. É uma coisa simples, conhecidíssima.”

“Sim senhor.” “O senhor vai dar risada quando souber.”

“Sim senhor.”

“Olha, é pontuda, certo?”

“O quê, cavalheiro?”

“Isso que eu quero. Tem uma ponta assim, entende? Depois vem assim, assim, faz uma volta, aí vem reto de novo, e na outra ponta tem uma espécie de encaixe, entende? Na ponta tem outra volta, só que esta é mais fechada. E tem um, um... Uma espécie de, como é que se diz? De sulco. Um sulco onde encaixa a outra ponta; a pontuda, de sorte que o, a, o negócio, entende, fica fechado. E isso. Uma coisa pontuda que fecha. Entende?”

“Infelizmente, cavalheiro...”

“Ora, você sabe do que eu estou falando.”

“Estou me esforçando, mas...”

“Escuta. Acho que não podia ser mais claro. Pontudo numa ponta, certo?”

“Se o senhor diz, cavalheiro.”

“Como, se eu digo? Isso já é má vontade. Eu sei que é pontudo numa ponta. Posso não saber o nome da coisa, isso é um detalhe. Mas sei exatamente o que eu quero.”

“Sim senhor. Pontudo numa ponta.”

“Isso. Eu sabia que você compreenderia. Tem?”

“Bom, eu preciso saber mais sobre o, a, essa coisa. Tente descrevê-la outra vez. Quem sabe o senhor desenha para nós?”

“Não. Eu não sei desenhar nem casinha com fumaça saindo da chaminé. Sou uma negação em desenho.”

“Sinto muito.”

“Não precisa sentir. Sou técnico em contabilidade, estou muito bem de vida. Não sou um débil mental. Não sei desenhar, só isso. E hoje, por acaso, me esqueci do nome desse raio. Mas fora isso, tudo bem. O desenho não me faz falta. Lido com números. Tenho algum problema com os números — mais complicados, claro. O oito, por exemplo. Tenho que fazer um rascunho antes. Mas não sou um débil mental, como você está pensando.”

“Eu não estou pensando nada, cavalheiro.”

“Chame o gerente.”

“Não será preciso, cavalheiro. Tenho certeza de que chegaremos a um acordo. Essa coisa que o senhor quer, é feita do quê?”

“É de, sei lá. De metal.”

“Muito bem. De metal. Ela se move?”

“Bem... É mais ou menos assim. Presta atenção nas minhas mãos.

É assim, assim, dobra aqui e encaixa na ponta, assim.”

“Tem mais de uma peça? Já vem montado?”

“É inteiriço. Tenho quase certeza de que é inteiriço.”

“Francamente...”

“Mas é simples! Uma coisa simples. Olha: assim, assim, uma volta aqui, vem vindo, vem vindo, outra volta e dique, encaixa.”



“Ah — tem dique. É elétrico.”

“Não! Clique, que eu digo, é o barulho de encaixar.”

“Já sei!”

“Ótimo!”

“O senhor quer uma antena externa de televisão.”

“Não! Escuta aqui. Vamos tentar de novo...”

“Tentemos por outro lado. Para o que serve?”

“Serve assim para prender. Entende? Uma coisa pontuda que prende. Você enfia a ponta pontuda por aqui, encaixa a ponta no sulco e prende as duas partes de uma coisa.”

“Certo. Esse instrumento que o senhor procura funciona mais ou menos como um gigantesco alfinete de segurança e...”

“Mas é isso! É isso! Um alfinete de segurança!”

“Mas do jeito que o senhor descrevia parecia uma coisa enorme, cavalheiro!”

“É que eu sou meio expansivo. Me vê aí um... um... como é mesmo o nome?”

Luís Fernando Veríssimo. Para gostar de ler — Crônicas.



Entendendo o texto:

1) A palavra sulco, na frase “Uma espécie de, como é que se diz? De **sulco**. Um **sulco** onde encaixa a outra ponta, a pontuda...”, pode ser substituída, sem alterar o sentido da frase por:

- a) risco b) caixa c) botão d) fenda e) tampa

02 – Você já se viu numa situação assim? _____ Se sim, conte-nos o que foi o objeto que teve o nome esquecido.

03 – Leia, com atenção, as seguintes frases:

- a) “E hoje, por acaso, me esqueci do nome desse **raio**.”
b) “**Lido** com números.”
c) “É que eu sou meio **expansivo**.”

De acordo com a sequência, por qual grupo de palavras podemos substituir as palavras destacadas? Assinale uma das alternativas:

- a) descarga elétrica - sofrimento - esquecido
b) coisa - trabalho - exagerado.
c) luz intensa - esforço-me - comunicativo

REFERÊNCIAS

<https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/10/cronica-comunicacao-luis-fernando.html>

<https://images.app.goo.gl/iZaK2ewecoAPRwx39>